

CRÍTICA DA RAZÃO PROBLEMÁTICA. INTRODUÇÃO AO HUMANISMO HISTORICISTA DE VICO

*José Manoel Sevilla**

ABSTRACT

In Giambattista Vico may be found, unlike any other authors, a proper thinker both of his and our own times. Someone whose ideas spring to such as na extend now as to place themselves side by side with our own and fight thus against the riddles affecting our thought and sciences. His philosophical outlook purports a sort of reason both historical and human as na alternative to the abstract a pure one, aiming in this way to unify the great variety of human aspects under this new pattern or rationality. Besides, this achievement is deeply rooted in the Humanism and Historicism, that has a great representative in José Ortega y Gasset. Vico's views, far from being idealist or essencialist or has any scanty connection with monism or utopias may be regarded as "problematic", as long as human life both individual or coll ectively are viewed as problematic, introducing itself thus as "critical view of the problematic reason". This criticism is unfolded as narrative and historical reason; a reason wich is pure and real doing itself according to the set human needs, capable of arguing, of "ethimologing" along its own possibilities.

Key words: G. Vico, Historicism, Humanism.

RESUMO

Em Giambattista Vico encontramos, como em poucos autores, um pensador autêntico tanto de seu tempo quanto do nosso. Alguém cujas

* Professor Titular de Filosofia da Universidad de Sevilla, Diretor da Revista *Cuadernos Sobre Vico*.

idéias emergem agora para situar-se ao nosso lado para combater os problemas que afetam o nosso pensamento e a nossa ciência, mantendo a proposta de um tipo de razão vital e histórica como alternativa à razão dominante abstrata e pura, considerando — por seu turno — a integração de todos os aspectos do humano sob novos modelos de racionalidade. Algo que, de outra parte, se entrelaça também com uma tradição humanista e, por sua vez, historicista, que terá um grande representante em José Ortega y Gasset. A posição de Vico, longe de ser idealista ou essencialista e de estar carregada de monismo ou utopismo, se desdobra sobre o “problematicismo” que caracteriza a vida humana, individual e coletiva, até fazer desta visão uma “crítica da razão problemática”. Crítica desdobrada como razão narrativa e histórica; uma razão concreta que é um puro e real fazer-se em conformidade com as necessidades humanas reais, capaz de argumentar, de “etimologizar”, conforme as suas próprias possibilidades.

Palavras-Chave: G. Vico, Historicismo, Humanismo.

Giambattista Vico (1668-1744) não foi um homem do mundo, porém, sem sair de sua luminosa Nápoles natal chegou a conceber a inovadora ciência do mundo humano. Apenas a sua *Scienza nuova* (1725-1744) concede o direito ao seu autor de ingressar na imortalidade, um lugar no panteão dos sábios ilustres. No entanto, Vico é mais do que isso. De poucos pensadores pode dizer-se que, como ele, tenham sido de sua época e o sejam, também, da nossa. O valor de sua originalidade e de sua permanente atualidade nos deram conta, entre muitos autores importantes, Jules Michelet, Benedetto Croce, e Isaiah Berlin, para citar somente alguns, aqueles que de um modo ou de outro reconheceram expressamente a influência sobre eles do seu magistério com um vigor permanente. (Seu grande difusor francês afirmou abertamente: “Não tive outro mestre além de Vico”; seu exegeta italiano reconheceu no *Contributto alla critica di me stesso* que foi “o filósofo ao qual me unia com maior afinidade”; e o historiador das idéias deu testemunho da “profissão intelectual” que sobre ele exercia Vico enquanto uma das principis vias de “my intellectual path”).

I

A vida de Vico foi inseparável de sua obra. Basta ler sua *Autobiografia* para notá-lo: era consciente de que sua erudição, genialidade, razão e imaginação estavam a serviço de um ideal humanista, qual era constituir uma ciência do homem, da história e de todas as coisas humanas, *ad maiorem gloriam homini*. Suas preleções universitárias — com as quais oito vezes deu início ao curso acadêmico na universidade partenopea — são uma incansável reivindicação a favor das humanidades em uma época contrária e de espírito cartesiano, dominada pelo racionalismo soberbo, o cientificismo em expansão e o monismo fundamentador e absolutista de uma Razão iluminista, que afetavam tanto o pensamento científico e filosófico, como também o âmbito pedagógico dos métodos de estudo. Na *De Antiquissima Italarum Sapientia* imprimiu o lema "*verum ipsum factum*", o verdadeiro é o mesmo que o feito, e assim sacudiu qualquer pretensão filosófica absolutizadora. Mais tarde, no *Diritto Universale* ensaiou as bases da nova ciência humana ("*nova scientia tentatur*", chegou a escrever) vendo os princípios históricos do direito em consonância com os princípios da sociedade, da história e do *rerum humanae*. Partindo desta perspectiva inovadora, que assume e postula o princípio de que o homem conhece verdadeiramente (*ciência*, no sentido rigoroso) só aquilo que ele fez, Vico se dedicou durante os últimos trinta anos de sua vida à aprimorar incansavelmente a sua *Ciência nova*, destinada a fazer do mundo humano ("enquanto foi feito pelo homem") o verdadeiro objeto do conhecimento, e, da história o âmbito da verdadeira ciência. Uma ciência na qual aparecem fundidas a filosofia e a história (ou "filologia", no sentido extenso), na qual se valorizam na mesma medida todas as faculdades humanas (sentido, fantasia e engenho, e razão), e na qual o homem é tanto o sujeito como o objeto do conhecimento, uma vez que a *mente* humana, que se faz na história, pode alcançar com ela, o conhecimento de si mesma.

Talvez só a estacionária e nada errante existência do genial pensador napoliano foi o que fez dele um candidato propício para o impróprio mito historiográfico do pensador "isolado" (embora, melhor dizendo, ele foi "solitário"); mas também, talvez, essa condição sedentária seja a que propiciou uma imaginação transbordante e uma

capacidade de engenho próprias de um sulista que encontrou em sua Nápoles vivaz um microcosmo do mundo histórico. A mesma *imaginação* que constitui, também, “a chave” de sua Ciência. Tal como Platão, que negava a entrada em sua Academia daqueles que não sabiam as matemáticas, Vico adverte que sem *fantasia* não se pode penetrar na *Scienza nuova*. *Quem não possui imaginação não poderá conhecer o homem*. Esse poderia ter sido o lema de sua ciência; assim rezaria a lenda do último promotor da tradição humanista retórica, que ousou elevar a poesia, a mitologia, e a história à categoria epistemológica enfrentando o mito da Razão com a razão do Mito, e que, antecipando-se a Ortega y Gasset, assumiu que o homem não tem *natureza* mas tem *história*. E tudo isso nos chegou como um programa epistemológico integral que em toda a sua extensão só pode ser definido como *humanologia* (nas palavras de Pietro Piovani). O filósofo partenopeo, que opôs à ilusória razão abstrata e pura a razão histórica e *narrativa*, soube encaminhar um pensamento independente e vivo em uma obra pluralista e diferente, na qual o conteúdo e a forma se identificam como “narração”, a palavra e a razão (*logos* copulativo) se autoconstituem historicamente, enunciando a mesma identidade entre linguagem e pensamento. Se há um pressuposto conhecido na *Ciência nova* de Vico, este é o de que o homem pode ter a ciência verdadeira do “mundo civil”, da história, porque é o seu criador. É Vico o verdadeiro fundador da ciência da sociedade e da cultura (entre muitas paternidades científicas que se atribuem, a título de exemplo, estão a sociologia comparada e a história cultural): são as experiências e as criações humanas (poéticas, políticas, jurídicas, sociais, etc.) o verdadeiro tema dos *estudos* humanos; para o qual Vico desenvolveria uma epistemologia carregada de uma forte inspiração do humanismo historicista e pedagógico (praxicismo como pedagogia acadêmica e também sócio-civil). No entanto, isso não significa que nos sejam oferecidas “fórmulas” (como nas matemáticas ou nas ciências naturais) para resolver os problemas, mas quer significar que o mundo é regido e explicado por princípios que estão no homem mesmo, que se articulam na história como feitos, palavras e idéias. Disto deriva que podemos *compreender* a vida dos outros homens, de uma sociedade, de uma cultura ou de uma época passada, como também podemos compreender a *nossa*, da qual somos atores e

possíveis modificadores; e também se desprende que as formas de organização social e de transmissão cultural são obra (história) humana, e portanto compreendidas no horizonte da vida prática comum. De maneira que a sabedora prática — (“frónesis”) enraizada no “sentido comum” — e o engenho são instrumentos básicos para responder à emergência de problemas, de urgências sociais e necessidades próprias da *sensibilidade comum* a toda uma época.

Ele foi o primeiro que pensou em termos de culturas, com seus valores próprios, e a necessidade de compreendê-las como história enquanto tal, defendendo assim, em seu historicismo antropológico o valor do pluralismo cultural. E ele foi também o primeiro a submergir as idéias filosóficas na obscura profundidade das suas origens, a dirigir o pensamento buscando os *príncipi nos nascimenti* (identificando “*natura*” com “*nascimento*”), a entender *porquê* as coisas (humanas) são, mais do que definir e descobrir *como são*, enraizando aí o verdadeiro conhecimento: ou seja, compreender a chave oculta do por quê os homens, em todo tempo e lugar, fazem o que fazem. Ademais, a esta nova pretensão de ciência não lhe é estranha a consciência clara — expressa nas Dignidades V-VII da *Scienza nuova* (ed. 1744) — de que a filosofia e a ciência, assim como a legislação, não podem nem devem “abandonar” o homem, mas, alentá-lo e guiá-lo sem “forçar a sua natureza” e também “sem abandoná-lo a sua própria corrupção”.

II

O humanismo historicista de Vico é, sem dúvida alguma, dos mais atrativos e sugestivos pensamentos que se podem encontrar na história das idéias e da cultura ocidental, e, em consonância, na própria história da pedagogia. Porém, para descobrir e compreender Vico em toda a sua grandeza cabe advertir que são necessárias duas qualidades para o descobridor: perspicácia imaginativa e solidariedade com a época, ou seja, abertura da sua mente a todas as faculdades e à consciência histórica. Sem estas duas qualidades, que Vico viria a solicitar de quem adentrasse em sua *ciência nova*, pouco poderão fazer os que se aproximam tangencialmente do mesmo Vico, esses se verão repelidos diante de um presumível pensador caótico e de uma obra

que poderia parecer-lhes um artificioso desatino barroco. No entanto, pode ocorrer muito bem o contrário, e quem em algum momento se encontrou com ele pôde, ao menos, mostrar seu assombro e admiração. A cumplicidade entre as idéias de Vico e os problemas humanos, radicalmente humanos, de ontem e de hoje, é admirável. Por isso é chocante que Vico tenha sido até pouco tempo um pensador oculto, freqüentemente encoberto pelos pensadores, incompreendido e — como disse o seu exegeta, Michelet — um autor mais citado do que lido.

Seguramente sua obra não é de fácil leitura: a novidade dos temas e também da mudança epistemológica e metodológica que inaugura, a argumentação engenhosa frente à dedutiva, e uma linguagem erudita e barroca, ensejam que por vezes seja repudiado como a um pensador obscuro. Assim o fez, sem ir mais longe, nosso maior filósofo espanhol, José Ortega y Gasset, que reconheceu a pertinência e a inspiração de gênio em Vico, mas, o intitulou de caótico; logo Ortega que se tornou, para a posteridade, como que uma alma gêmea do napolitano, ambos fixados como filósofos da *crise* (própria de cada tempo, porém, também da crise do pensamento e da razão, e, com maior intensidade, da “crise” como categoria antro-po-histórica que define com acerto a natureza humana: transitoriedade, mudança constante, mutabilidade) em épocas de abundante soberba intelectual e penúria humanista. Porque Vico, maior em vontade histórica que o próprio Ortega, é como nenhum outro o pensador *do humano*; o Prometeu que devolve aos homens sua dignidade de seres históricos e sua capacidade autosugestiva conforme as possibilidades da própria mente, o Copérnico das ciências humanas que luta contra a aderente via logocêntrica de uma razão pura, o pensador *contra-corrente* que frente a toda ignorância e alienação do humano reivindica o valor do homem e de toda a história, assim como a prioridade necessária do seu estudo integral. Não sem falta de razão, tanto ontem como hoje, dirá Vico em seu “De mente heroica” que “deficiente e nociva é a cultura de quem se atira de cabeça, com todo o seu peso, sobre uma única disciplina, limitada e particular”.

Em Vico encontramos, como em poucos autores, um pensador autêntico tanto para o seu tempo como para o nosso. De fato, pode dizer-se que Vico é um idealizador do porvir. Alguém cujas idéias

emergem na nossa época para situar-se ao nosso lado, para combater os problemas que afetam o nosso pensamento e a nossa ciência, mantendo a proposta de um tipo de razão histórica e humana como alternativa à dominante “razão abstrata e pura”, e a consideração da integração de todos os aspectos do humano — do que o homem faz, sente, pensa e expressa — em novos modelos de racionalidade. Algo que, por outro lado, encontra também a tradição humanista e, por sua vez, com uma abertura para a multiversidade hermenêutica, como está acontecendo na atualidade. Vico é um pensador de seu tempo (século XVIII), e também do nosso tempo (pouco do século XX e muito do século XXI).

A visão de Vico, longe de ser idealista ou essencialista ou de estar carregada de monismo ou utopismo, se coloca sobre o *problematismo* que caracteriza a vida humana, individual e coletiva, levanta-se neste mesmo olhar como uma *crítica da razão problemática*, de uma razão narrativa e histórica que é um puro fazer-se *sendo* conforme às reais necessidades humanas, e capaz de argumentar, de “etimologizar”, conforme as suas próprias possibilidades. Os problemas, mais que as soluções passageiras, são — em si mesmos — próprios de uma natureza humana que está em constante mudança, pura mutabilidade, constante finitude, porém, em um concurso de infinitas possibilidades de pensamento, ação e dicção. O caráter problemático é o *tema* que ocupa a crítica do todo humano, porque a natureza mesma do homem é problemática, histórica, é permanente transição de um estado para outro, de um modo a outro; o estado do homem é uma constante *crise*, um paradoxal ser o que já não é. Então, a consciência viquiana, penetrante no fundo e no *tecido* desta natureza problemática, é capaz de iluminar como verdadeira ciência a *estrutura essencial* da história. Em conseqüência, diante de qualquer perspectiva pretensamente dogmática e monista da realidade (que atribui Verdades eternas à ela, lhe sugere soluções inveteradas, lhe impõe uma razão pura e abstrata totalizante, ou lhe promete impossíveis e utópicos paraísos), a perspectiva problemática e histórica crítica terá sempre em Vico um aliado, um *clássico*, porque esta é a qualidade do clássico, a de ligar-se, vincular-se, poder unir-se a alguém que, em outros tempos, devido às circunstâncias e aos modos próprios, consideram valiosos os *problemas*, senão iguais, ao menos de contexto similar. E,

Vico tornar-se um clássico, neste sentido, porque é capaz de estar ao nosso lado, apesar dos séculos, diante de problemas vigentes que afetam a condição de ser homem e de conhecer o que somos e por quê somos. Um caráter clássico, que se pense nisto, que não vem impelido com veleidade caprichosa de revivificar um pensador envelhecido, mas que está vinculado ao fato de que tal pensador foi capaz de enfrentar com coragem e genialidade os problemas da mesma índole que os hodiernos, e agora emerge ligado a eles em termos, raciocínios e conceitos. Por isto, como já o temos reivindicado uma ou outra vez, Vico é um “clássico” muito atual, capaz de provocar-nos, sugerir-nos e estimular-nos em modos diferentes de pensar sem que com isso tenhamos que renunciar à história e às próprias tradições culturais e filosóficas; de ajudar-nos a mudar o rumo de nossa razão sem ter que abandonar à deriva a nave na qual estamos irremediavelmente embarcados, de nos aproximarmos do homem para salvar a razão, tendo o cuidado de não perdê-la em protótipos salvadores.

Por outro lado, notamos que, neste desdobramento secular, e milenar, *repercutem* mais os problemas que afetam ao pensamento ocidental — e diante dos quais se pronuncia e se opõe Vico — : a alardeada crise da razão; o perigo dos fundamentalismos (religiosos, filosóficos, ideológicos, políticos, tecnológicos) que não só assumem modos tradicionais de monismo e uniformitarismo, como também, no extremo de um extraordinário relativismo (histórico, moral, pedagógico...) dissoluto e vazio; o inconsistente anúncio do esgotamento da filosofia e de qualquer intento rigoroso de pensar; o assentimento conformista do cientificismo e dos anti-humanismos; o egocentrismo cultural; a expansão da razão tecnológica suplantando progressivamente — mediante sinédoques e metáforas técnicas — as extensões da razão vital; a mesquinha dispersão dos saberes na formação educacional; ... em definitivo, o adeus ao homem. Não é por acaso que o pensamento viquiano se mostra eficazmente aparentado com nossa contemporaneidade, porque o tema de seu tempo, que ele enfrenta quase que quixotesca com vontade heróica, ressurgiu amplificado como “o tema de nosso tempo” — que nos afeta e o abordamos porque somos, vivemos e pensamos nele —, e também porque, ademais, apresenta-se inovador e efetivo para a nossa causa.

III

Para a cultura atual, Vico é um exemplo de preocupação para tudo o que é humano, porque toda realidade está ligada ao homem; ele é também um exemplo de aplicação para viabilizar ao homem o alcance de uma verdadeira “ciência”, um conhecimento de si mesmo por intermédio de suas criações e de sua história, de suas idéias, ações e linguagens, porque nestas realidades o homem está jogando com o seu próprio ser. Um conhecimento para saber o que é, e para saber a quem ater-se; quer dizer, na isenção profunda da pedagogia para alcançar a sabedoria do *saber viver*.

Na análise que Vico faz das culturas, já é notável que as idéias viquianas implicam em uma contraposição — e uma vacina intelectual — ante toda pretensão de dogmatismo, uma aposta pluralista diante de qualquer tipo de monismo, um descobrimento do sentido da natureza histórica humana e do valor da razão histórica, do historicismo e da sociologia da cultura, e um difundido ideal humanista de sabedoria e educação, no sentido ciceroniano e latino por extensão da palavra *humanitas* (que assumia a pluriversatilidade da *paideia* grega) destinada a significar a educação do homem, e que nos mesmos termos formativos emergiu no Renascimento italiano com o movimento do *Umanesimo*: um ideal antigo resgatado na razão narrativa exaltadora da liberdade, da criatividade e da dignidade humana. Foi, talvez, Isaiah Berlin, entre alguns outros mais — por exemplo, Ernesto Grassi —, quem melhor vislumbrou e expressou este significado de Vico para a cultura européia, vendo-o — em numerosos ensaios — como o maior inovador da nossa história do pensamento: “As idéias de Vico continuam sendo transformadoras”, dizia Berlin. Certamente, como expressara também George Steirner, a “Ciência nova” de Vico constitui um dos livros decisivos e fundamentais do pensamento ocidental. Porém, mais ainda, há que se expandir este juízo a toda a sua arquitetura intelectual, que, tão grandiosamente barroca, alçando-se cada vez mais alta e em progressiva construção harmônica, contém como contribuição, também, a pedagogia humanista de suas “Orações inaugurais” (incluindo, além das seis magistrais dissertações universitárias, as duas engenhosas contribuições “Sobre a razão dos estudos do nosso tempo” e “Sobre a

mente heróica”), a inovadora e frutífera epistemologia do *verum ipsum factum* plasmada e argumentada no pequeno porém consistente volume metafísico “Sobre a sabedoria primitiva dos italianos”, o fecundo “Direito Universal”, e, inclusive o — ainda hoje carecendo de valorização — tratado de retórica que são as “Instituições Oratórias”, tudo isto sem esquecer sua “Autobiografia”, narração exemplar e arrazoada de toda a sua vida reflexiva, e as três diferentes e ricas edições da “Ciência nova”, que nos ensinam o modo com o qual se gesta e desdobra a nova ciência ao largo das últimas décadas de sua vida. Não somente nesta última obra, sua *opera magna*, brilha hoje — talvez mais do que nunca — fulgurante Vico, como também, em todas e cada uma delas se ilumina o pensador radical e inovador das coisas humanas que se defronta tanto com a sua época como com o porvir, desentranhando para o homem os segredos de sua natureza e de sua história. Uma primordialidade ou radicalidade do pensar que se ratifica hoje como tal, pois essa é a característica própria dos princípios e das raízes: fincar-se na profundidade, para emergir do fundo obscuro das coisas. E essa é também a tarefa primogênita de uma proposta de filosofia radical: trazer o profundo à superfície.

Vico dedicou mais de trinta anos à “*Scienza nuova*”, deixando-nos três edições diferentes (1725, 1730 e 1744) desta obra. Formalmente, é uma obra que incorpora à tradição humanista renascentista (arte da memória, poesia, retórica, etc.) o espírito “arquitetônico” particularmente barroco. Porém, a *Ciência nova* é muito mais, é um projeto onde se unem indissoluvelmente a forma — “nova” — e o conteúdo — ciência —, de tal maneira que ficam vinculados indelevelmente o conteúdo da forma (ciência *nova*) e a forma do conteúdo (nova *ciência*). No nível metodológico este liame epistemológico consiste na união e extensão da filologia (ou história) e da filosofia (ou razão), na articulação do *certo* (“il certo”) e do *verdadeiro* (“il vero”), constituindo-se em um método que, erigido sobre o princípio de que *o homem só conhece o que faz*, eleva à categoria de ciência o conhecimento de todas as criações humanas: história, direito, arte, sociedade, linguagem, cultura, etc., buscando seus princípios nos próprios modos da mente humana, a saber: os sentidos, a imaginação e o engenho, e a razão; sendo todas essas *modificações* igualmente importantes e valiosas.

IV

Sem experiência vital é impossível qualquer tipo de razão. É a partir daí que Vico demonstra a razão (poética) do Mito, e denuncia por sua vez a instrumentalização do mito da razão (única, imutável e eterna) cuja tendência viria culminar na época da ilustração. De fato, é em Vico que primeiramente reconhecemos que — como bem denunciara mais tarde Ortega y Gasset — a razão abstrata deve dar lugar à razão histórica. Embora Vico não use expressamente o termo “razão histórica”, pois este é posterior, como é sabido, já está presente nele sua idéia, ou seja, sua razão e sua imagem, quando pensa que o homem faz a história e nela se desenvolve e chega a compreender-se, a ser capaz, então, de entender esta história como o âmbito de sua própria mente humana e da razão, ela mesma. Vico projeta, assim, algo semelhante ao que Ortega y Gasset ou Berlin reivindicaram em nosso século, e é aquilo que em outro lugar denominei, parafraseando o filósofo espanhol, “a sublevação ao dilema” (ou vale a expressão viquiana de “il bivio di Ercole”): ou seja, a sublevação frente ao devaneio da exigência de ter que escolher entre uma razão pura e abstrata (Descartes, idealismo e racionalismo modernos) ou um relativismo da razão (fragmentação e dissolução pós-modernas). Para Vico, igual que em Ortega, a vida — que é vida “humana” — não deve ficar sujeita a um regime absolutista: nem o absolutismo racionalista que salva apenas à razão e confunde e anula a vida, nem o relativismo que salva fragmentos da vida anulando a razão. Vico soube apreciar na sua época a desvalorização de ambos os extremos em diversas ordens, tanto do conhecimento como das realidades humanas (nem dogmatismo nem ceticismo, nem racionalismo abstrato nem tosco empirismo, nem absolutismo nem relativismo), e para não ficar preso a nenhum dos extremos não se contentou com a possibilidade — como outros tantos haviam procurado — de arrumar-se em posições cômodas e intermediárias; ao contrário, constantemente seu espírito sublevou-se e o incitou a indagar e descobrir uma nova via — valendo-se dos problemas e não das posições — na qual se conjugaram humanamente a razão, a vida e a história; a teoria, a praxis e o devir de uma realidade sempre em mudança.

Também hoje a expressão adequada frente ao nosso momento vivido deve ser a sublevação ao dilema, a consciência certa de que não devemos deixar-nos prender nem nos instalarmos em nenhum dos extremos. Aos extremismos se opõe a razão vital e histórica, única capaz de atender às realidades cambiantes sujeitas ao devir constante e permanente. Neste âmbito, a terceira via nos proporciona Vico como aliado, o qual vislumbramos como uma crítica da razão problemática. Também esta crítica, como nos mostrou de maneira brilhante Maria José Rebollo em uma obra recente, é uma via aberta para a teoria e a praxis pedagógicas, entendendo-se a pedagogia neste sentido — originário e histórico (“etimológico”) que nos narra a razão histórica — de *paideia/humanitas*, tão distante, hoje em dia, dos estudos pedagógicos e das ciências da educação que proliferam nos âmbitos acadêmicos à sombra vespertina de atitudes efêmeras e modas passageiras. Recordemos aquelas sábias palavras extraídas do já anteriormente citado discurso dirigido por Vico aos estudantes em 1732 (“De mente heroica”): “nenhum de vós está obrigado a jurar pela palavra de qualquer mestre, ao contrário do que ocorre com frequência nas disciplinas ensinadas pelos escolásticos”.

Da afinidade que podemos ter de Vico, é oportuno o conselho que na “Prática da Ciência Nova” (1731) ele dirigiu à intelectualidade da sua época (pensadores e políticos), para que “nestes tempos humanos, no qual temos nascido, tempos de engenhos sagazes e inteligentes, [...] as academias com características dos seus filósofos, não secundem a corrupção do espírito destes tempos”.

“Tradução para o português de Humberto Aparecido de Oliveira Guido.